

## A TRAJETÓRIA POLÍTICA DE JOSÉ FRAGELLI (1947-1987)

Vinicius de Carvalho Araújo

Mestre e doutorando em História pelo Programa de Pós-graduação em História da  
Universidade Federal de Mato Grosso (PPGHIS/UFMT).

[vcaraujo@terra.com.br](mailto:vcaraujo@terra.com.br)

### RESUMO

Este trabalho trata do resumo de uma pesquisa de doutoramento em História sobre a trajetória política de José Fragelli. O seu objetivo é apresentar um breve panorama da forma como pesquisa está esquematizada do campo teórico, metodológico e documental. Para tanto é feita uma introdução com uma rápida descrição do personagem central e seu período histórico. A seguir o texto se concentra nos principais autores de referência para pesquisa, com destaque para Pierre Bourdieu e Rosanvallon. Na metodologia são definidos os conceitos de história oral, biografia e história das ideias. Por fim, serão expostos os resultados obtidos até agora e uma breve discussão sobre eles.

### Palavras-chave

Biografia; José Fragelli; Mato Grosso.

#### 1. Introdução

De todos os Estados brasileiros, Mato Grosso talvez seja um dos que mais mudou na segunda metade do século XX. Pode-se presumir, para os fins desta pesquisa, que tais transformações socioeconômicas tiveram impacto na natureza do processo político, redefinindo sua substância e métodos, agregando novos atores como os industriais, classe média urbana e rural, proletariado, massas populares, empresários do *agribusiness* e também no governo estadual.

No caso específico do campo político, Bourdieu (1989) apontou que devemos observar os determinantes econômicos e sociais da divisão de trabalho político. Se

olharmos numa perspectiva da macro-história veremos que em 1947 Mato Grosso era um grande território, pequeno em população e de maioria rural. No censo de 1950 30,23% da população estava na zona urbana, com 69,77% rural. Já em 1991 houve uma virada completa, com 76,14% da população urbana e 23,86% rural na média dos dois Estados. Se considerarmos só Mato Grosso do Sul chegamos a 79,44% urbana e 20,56% rural. O número dos habitantes dos dois somados cresceu mais de 7 vezes, ocupando a 5ª posição dentre os Estados que mais cresceram no entre 1950 e 1991, sendo que Mato Grosso sozinho ficou em 3º lugar.

A figura de José Fragelli surge, portanto, como peça importante para a melhor compreensão das relações de poder no campo político matogrossense neste período. Sua trajetória política nos permite refletir sobre a natureza da política e dos regimes democráticos contemporâneos, opostos àqueles mais oligárquicos ou aristocráticos de outrora e pode ser utilizada como instrumento de compreensão da lógica e da dinâmica do campo político mato-grossense neste período selecionado.

José Fragelli nasceu em Corumbá no dia 31/12/1915, filho do médico Nicolau Fragelli e de Maria Fontanillas Fragelli. Seus pais eram descendentes de imigrantes europeus que chegaram a Corumbá após o final da Guerra com o Paraguai (1864-1870), quando em decorrência da abertura da navegação na Bacia do Rio da Prata, o comércio exterior foi ampliado e o porto da cidade passou a ser o principal empório de toda a região<sup>1</sup>. Fragelli tem um currículo político ímpar, com passagens por posições como deputado estadual, relator da Constituição de 1947, líder da oposição e da situação na Assembleia Legislativa, secretário de Estado, deputado federal, membro de diretório municipal e estadual da UDN, presidente estadual da Arena-MT, Governador, Senador, Presidente do Senado Federal e do Congresso Nacional e Presidente da República, em substituição a José Sarney (1986).

Durante todo este período, transitou pela elite política matogrossense e nacional, com destaque para um conjunto de famílias tradicionais que tinham grande protagonismo em Mato Grosso uno. Por meio de laços sociais e políticos, Fragelli ligou-se com quatro famílias centrais, os Alves Ribeiro, Barbosa Martins, Coelho e Saldanha

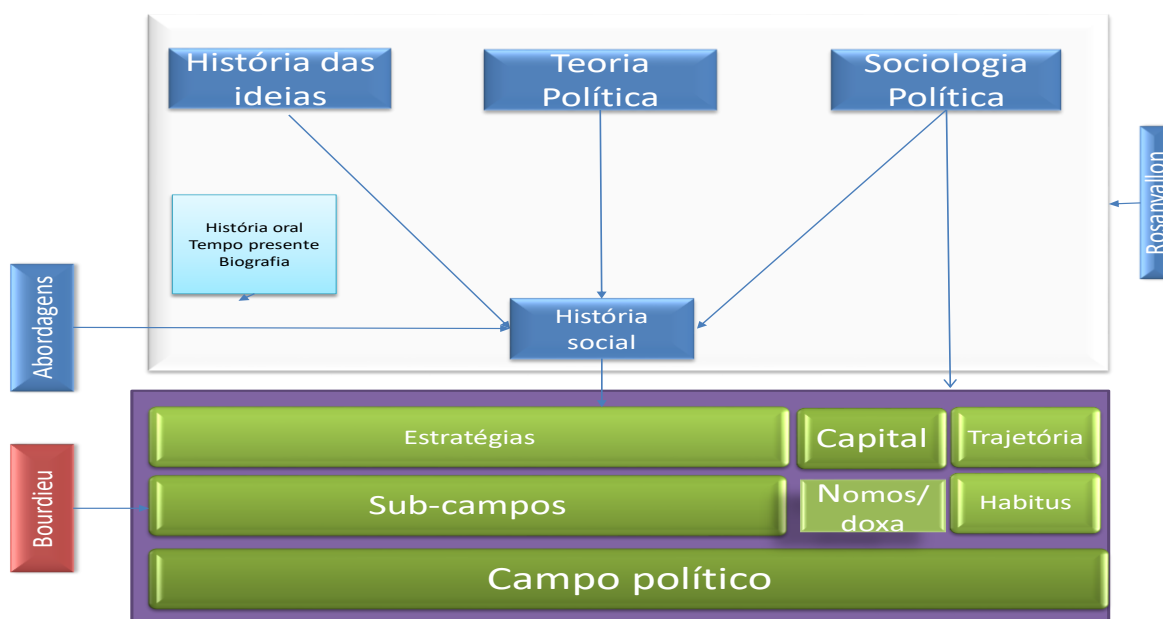
---

<sup>1</sup> Entrevista com Cláudio Luiz Fontanillas Fragelli. Campo Grande, 17/11/2007.

Derzi. Suas relações também com os meios de comunicação foram importantes, já que foi diretor geral do principal jornal do SMT e hoje de Mato Grosso do Sul, O Correio do Estado nos primeiros anos de circulação. Fragelli sempre manteve relações muito próximas com o divisionismo sulista, desde assinatura no documento fundador da Liga Sul Matogrossense (1934), passando pela proposta de mudança da capital para Campo Grande na Constituinte de 1947, pelo Movimento Dividir para Multiplicar (1959) até a participação direta nas articulações que culminaram na Lei Complementar 31/77.

## 2. Teoria

**Figura 1 – Diagrama com modelo teórico da pesquisa**



Rosanvallon (2010) avançou nesta compreensão de pluridisciplinaridade para a história política e formulou a noção de história conceitual do político. Ela seria uma área interdisciplinar, situada entre a história social, a sociologia política, a teoria política, e a história das ideias, articulando os conceitos de todas elas em busca da melhor compreensão de questões contemporâneas. Assemelha-se à análise política, que também se nutre de teorias e métodos de várias ciências sociais para analisar melhor

uma determinada conjuntura ou situação. O diferencial da história seria dotar tal análise da perspectiva larga e de longo prazo necessária para observá-la com maior profundidade, praticando a genealogia.

Rosanvallon (2010) enfatizou o caráter presente da história, a exemplo de outros autores da historiografia. Quer dizer, toda e qualquer reflexão baseia-se em situações contemporâneas relativas à consolidação da democracia, que é permeada por algumas tensões e equívocos como em relação ao seu sujeito, à disputa entre ciência e opinião e também entre liberdade e poder. Seria pensar a democracia seguindo o fio de sua história. Ela se distingue das demais disciplinas pelo objeto, que é a evolução dos problemas democráticos e trabalha nos interstícios daquelas. É, portanto, a forma e a matéria necessária para um pensamento total do político, por sua abordagem integradora. Rosanvallon (2010) destaca que só é possível apreender o político num nível “bastardo”, ou seja, mestiço, localizado entre as práticas e as representações.

No Brasil ainda há poucos autores mais sintonizados com as inovações citadas, o que pode ser entendido pela defasagem verificada em relação aos centros da disciplina em virtude da necessidade de formação de toda uma geração de pesquisadores conforme os novos cânones apontados por Fico & Polito (1996) para posterior multiplicação. Cabe destaque à renovação da historiografia política realizada no Rio de Janeiro em várias instituições como Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal Fluminense (UFF) e o Centro de Documentação da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV).

Sob liderança da professora Marieta de Moraes Ferreira vários trabalhos foram desenvolvidos utilizando as novas referências teóricas e metodológicas da história oral, do tempo presente e, sobretudo, da nova história política. Autores como Sarmiento (2008), Américo Freire (2015), Surama Conde de Sá Pinto (2011), João Edson Fanaia (2010) e Marly Motta (2001) fizeram parte deste movimento. Aportaram em suas obras categorias de análise válidas como aquelas apresentadas pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, como campo político, habitus e os vários tipos de capital existentes numa sociedade.

Para Bourdieu (1989), as interações humanas são melhores compreendidas na forma de campo. Espaços de convívio, como o social, o religioso, o intelectual, o burocrático e o político, podem ser visualizados não de modo topográfico ou geográfico, mas sim relacional. Seriam compostos por um conjunto de relações entre agentes e instituições, gerando a estrutura de um determinado setor da sociedade.

Abordei num artigo sobre a descuiabanização da política matogrossense (2014) que os campos são espaços estruturados de posições num determinado momento que apresentam algumas características, como o monopólio dos profissionais, a acumulação de capital social ou cultural, o habitus e o poder simbólico. Já o habitus significa o sistema de disposições que condicionam os modos de pensar, agir, fazer e perceber, promovendo a interiorização das sociedades nos indivíduos e a mediação entre estrutura e ação. Por fim, o poder simbólico determina a distinção social entre as pessoas envolvidas e as posições de cada agente e instituição. O campo tende também a se dividir em polos, como situação x oposição, direita x esquerda ou pelos partidos, adotando uma estrutura diádica ou triádica.

Portanto, para compreender o funcionamento de um campo específico é imperativo mapear as posições ocupadas por aqueles que produzem, utilizam e reproduzem um determinado habitus, e suas relações entre si. A posição é a causa e resultado do habitus do campo. Vale lembrar ainda que a divisão do trabalho político varia em função do volume de capital acumulado e da forma de sua distribuição na sociedade em análise. Conforme Thiry-Cherques (2006) os tipos de capital incluem econômico (bens e dinheiro), cultural (conhecimento), social (relacionamento), político (monopólio dos profissionais) e simbólico (prestígio).

O político é composto pela força das ideias propostas no campo, a capacidade de mobilização, o grupo que adota, papel do homem político como porta-voz. Há ainda as leis que regulam as lutas (nomos) e as estratégias que cada ator adota para conservar o capital que já possui ou subverter. Por fim, vale explicitar o conceito de trajetória, por sua centralidade para esta pesquisa. A trajetória pode ser definida como uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente num espaço, expressando a

objetivação das relações entre os agentes e as forças no campo. Esta estrutura das relações objetivas entre os agentes determina o que vai acontecer.

Para MONTAGNER (2007) a ideia central para o entendimento da proposta bourdieusiana de análise dos campos é a construção diacrônica da trajetória dos grupos e agentes. Só é possível entender a dinâmica por meio da trajetória de um agente que tenha exercido posições centrais do campo político. A ocupação de tais posições só ocorre com apoio de estruturas políticas, econômicas e sociais, como família, partidos, aparelho do Estado nos poderes Executivo e Legislativo, a imprensa, os militares e as empresas.

### **3. Metodologia**

Barros (2004) sugeriu uma forma de organização das pesquisas em dimensões, abordagens e domínios, que será adotada para fins desta pesquisa. A classificação diz o seguinte:

1 – Dimensões ou “modo de ver” (enfoque): o que se pretende ver em primeiro plano numa sociedade historicamente localizada ou historicizada. Fatores que ajudam a definir a realidade social (população, economia, sociedade, cultura, poder). A presente pesquisa pode ser classificada na dimensão da história política.

2 – Abordagens ou “modo de fazer” (método): tipos de fontes com as quais trabalha a História, seu tratamento e a relação com o campo observado. No caso desta pesquisa a abordagem inclui a história oral, a análise do discurso, a história do tempo presente e a história regional.

3 – Domínios ou “quem faz a história” (temas): Referem-se aos objetos (ambientes sociais) e sujeitos (agentes históricos) da história. Campos temáticos da história – História das mulheres, rural, marginais, massas, religião, urbana, vida, privada. Aqui entra a biografia e a história das ideias.

Trataremos agora do instrumental que proporcionará melhor abordagem ao domínio selecionado. Começemos pela biografia. Ela foi selecionada para esta pesquisa, seguindo Sarmiento (2008), por estar em linha com o debate historiográfico acerca das relações entre indivíduo e sociedade, de acordo com a nova narrativa biográfica.

Ao longo dos momentos de renovação epistemológica da história ela foi também questionada em seus fundamentos. Foi apenas a partir da década de 1960 que a biografia teve uma reabilitação, quando um novo paradigma emergiu na historiografia. Isto se deveu à crise do marxismo após o maio de 1968, à libertação de uma história quantitativa que subjugava a história factual e um movimento que passou a situar a biografia numa posição intermediária entre o particular e o coletivo, o que permite analisar a relação entre o indivíduo e as estruturas sociais e políticas que o cercam, inclusive as relações entre o herdado e o adquirido. Entretanto o aspecto mais importante foi a valorização do individualismo que marca nosso tempo. Ela atende a uma busca coletiva pelo eu, que consegue se definir melhor pela distinção com o outro.

Assim, toda biografia é um grande teste, avançando do um ao múltiplo e do grupo à sociedade. O principal apontamento de Levillain (2003), portanto, refere-se ao cuidado que o biógrafo deve tomar ao definir os objetivos da sua pesquisa. Se eles forem apologéticos, teremos uma biografia à moda antiga, na qual todos os passos do biografado eram vistos como parte de uma caminhada triunfal ao seu destino manifesto. Se for denunciata, só os aspectos negativos serão destacados. Uma biografia correta deve minimizar os impactos da ideologia e buscar a personalidade do biografado com as suas contradições e nuances, assim como a sua relação também ambígua com seu contexto social e político.

Levi (1996) foi nesta mesma linha e indicou também alguns cuidados que o biógrafo deve ter. Ele ressalta que a maioria das questões metodológicas da historiografia contemporânea refere-se à biografia, em particular nas relações com as demais ciências sociais. Dentre os vários tipos de biografia apontados por ele, a proposta para esta pesquisa é da biografia e contexto, na qual o meio e a ambiência são importantes para caracterizar a singularidade da trajetória em questão. Sua principal recomendação é que o personagem seja utilizado como ponto de vista para análise da

rede de relações e obrigações externas que o envolvem, bem como do funcionamento efetivo das normas sociais vigentes no seu período. Bourdieu (1996) afirma que a biografia permite ainda delinear melhor as relações entre as posições ocupadas (trama), focando no estudo das trajetórias dos indivíduos em meio aos campos que percorreram. A “ilusão biográfica” consiste da impossibilidade de reconstituir uma vida por completo e que a forma de mitigar este problema é a reconstrução da superfície social e da pluralidade de campos onde age o indivíduo a cada momento.

François Dosse (2009), em sua história da biografia, traz também algumas observações pertinentes para esta pesquisa. Primeiro o cuidado de situar o trabalho no que ele chama de idade hermenêutica, marcada pela aproximação com a filosofia, as interpretações, a fragmentação, a heterocronia, o caráter reflexivo, as questões do sujeito e a subjetividade. Deve-se evitar os determinismos e as causalidades rigorosas, voltando-se sempre que possível para o humano, o sujeito e a ação. Dosse define a biografia como um excelente campo de experimentação para o historiador, que deve tomar os devidos cuidados com o caráter híbrido do gênero e as tensões permanentes entre o viés científico, o elemento ficcional e a aspiração à verdade.

Cabe destacar algumas características da abordagem da história oral, em virtude do grande número de entrevistas utilizadas por esta pesquisa. De acordo com François (2002), a história oral deve ser vista como mais que uma técnica ou ciência auxiliar da história do tempo presente, por três razões principais: 1 – Pode recuperar narrativas registradas na forma escrita de períodos mais antigos; 2 – Pelo seu potencial documental e heurístico (salto qualitativo); e 3 – Por suscitar novos objetos e nova documentação, além de estabelecer uma relação original entre o pesquisador e os sujeitos da história. Vale lembrar-se da história do tempo presente, bem como de sua articulação com a história oral. Segundo Ferreira (2000), com o advento da pós-modernidade, houve uma revalorização da análise qualitativa e da subjetividade, e considerou-se que a construção do passado atende às necessidades do presente. Tudo isto remeteu para os relatos orais, cuja proximidade tornou-se um auxílio fundamental para melhor entendimento da realidade, pela articulação entre a descrição das determinações e interdependências desconhecidas.

Os dados primários e secundários serão coletados, portanto, com recurso a vários instrumentos. Dentre eles destaca-se a análise de documentos como

- 1 - Correspondência pessoal, partidária e governamental;
- 2 – Documentação da Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso, organizada pelo seu Instituto Memória;
- 3 – Documentação da Câmara dos Deputados;
- 4 – Documentação do Senado Federal;
- 5 – Documentação do Poder Executivo Estadual (atos administrativos);
- 5 – Depoimentos;
- 6 – Bibliográficas;
- 7 – Artigos, monografias, teses e dissertações;
- 8 – Jornalísticas;
- 9 – Fotográficas;
- 10 – Audiovisuais;
- 11 – Documentação dos processos judiciais;
- 12 – Documentação ligada ao ambiente intelectual e político do curso de Direito da Universidade de São Paulo na década de 1930; e
- 13 – Arquivos do Exército e Força Aérea.

Teremos que falar também da história das ideias. Ela foi definida por Barros (2007) como aquele domínio que trata da formação e evolução dos vários tipos de ideias. Aqui entram vários tipos de discurso, ideias coletivas, políticas, filosóficas, científicas, paradigmas, pensamentos sistematizados, aquelas que suportam movimentos sociais, etc. Será importante para compreender melhor a cultura política manifestada por José Fragelli na sua produção discursiva, com destaque para a ideologia.

#### **4. Resultados e discussão**

Os resultados da pesquisa até o presente momento consistem na reunião da documentação dos vários tipos apontados no item 3 (metodologia). As fontes bibliográficas estão praticamente todas coletadas. Faltam alguns depoimentos, fontes jornalísticas e documentais, com destaque para o arquivo pessoal do personagem. O próximo passo será definir com clareza o modelo teórico baseado nos principais autores apontados, com destaque para Pierre Bourdieu e Pierre Rosanvallon. Além disto a pesquisa precisará fazer suas opções sobre conceitos centrais para analisar a trajetória de José Fragelli e a evolução do campo político de Mato Grosso. Aqui entra o autoritarismo instrumental bem trabalhado por Wanderley Guilherme dos Santos citado por Gentile (2014), coronelismo, oligarquias, populismo, dentre outros.

Além daquelas já citadas antes, já foram identificadas as principais obras Bourdieu e Rosanvallon e também alguns de seus intérpretes. Para o primeiro vale citar Trigo (1998), Meichsner (2007), Cavalcanti (2012) e Ortiz (1983). Já no segundo apontamos Schramm (2016), Silva (2009) e Annunziata (2016) como referências para maior aprofundamento posterior.

#### **5. Conclusões**

As conclusões apontam para a adequação do marco teórico escolhido para a pesquisa, com algumas revisões derivadas da maior aproximação com os autores. A abordagem terá precisará ser bem clareada, em particular nos aspectos relativos à biografia e trajetória de vida. Isto será de suma relevância para o desenvolvimento do trabalho resultante.

#### **6. Bibliografia**

ANNUNZIATA, Rocío. La democracia exigente. La teoría de la democracia de Pierre Rosanvallon. Andamios. Revista de Investigación Social, vol. 13, núm. 30, enero-abril, 2016, pp. 39-62

BARROS, José D'Assunção. História das Ideias – em torno de um domínio historiográfico. **Locus: revista de história**. Juiz de Fora, v. 13, n. 1, 2007. Pg. 199 – 209.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de M. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996. Pg. 183 - 191.

BOURDIEU, Pierre. A representação política: elementos para uma teoria do campo político. In: BOURDIEU, Pierre. **Poder simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil. 1989. Capítulo VII. Pg. 163 - 207.

CAVALCANTI, Vinícius Manrique. Bourdieu leitor de Weber: pistas para a gênese do conceito de campo. Revista Caderno de Ciências Sociais da UFRPE. Julho-Dezembro 2012.

DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Editora Edusp, 2009.

FANAIA, João Edson de Arruda. **Elites e práticas políticas em Mato Grosso na Primeira República (1889-1930)**. Cuiabá: Editora UFMT, 2010.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História do Tempo Presente: desafios**. Petrópolis: Cultura Vozes v.94, nº 3, p.111 a 124, maio/jun., 2000.

FICO, Carlos & POLITO, Ronald. A historiografia brasileira nos últimos 20 anos – tentativa de avaliação crítica. In: MALERBA, Jurandir (Org.). **A velha história: teoria, método e historiografia**. Campinas: Papyrus, 1996.

FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da história oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. **Usos e abusos da História Oral**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

FREIRE, Américo. **Uma capital para a República: poder federal e forças políticas locais**. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2015.

GENTILE, FABIO. A tensão autoritarismo-liberalismo em Oliveira Vianna. Elementos para uma nova leitura do conceito de "autoritarismo instrumental". IX ENCONTRO DA ABCP. Área de trabalho Pensamento político brasileiro. Brasília, DF. Pensamento político brasileiro. 04 a 07 de agosto de 2014.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de M. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996. Pg. 167 a 182.

LEVILLAIN, Phillipe. Os protagonistas: da biografia. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2003. Capítulo 5. Pg. 141 a 184.

MEICHSNER, Sylvia. El campo político en la perspectiva teórica de Bourdieu. Iberóforum. Revista de Ciencias Sociales de la Universidad Iberoamericana, vol. II, núm. 3, 2007, pp. 1-22.

MONTAGNER, Miguel Ângelo. Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana. Sociologias, Porto Alegre, ano 9, nº 17, jan./jun. 2007, p. 240-264.

MOTTA, Marly. **Rio de Janeiro: de cidade-capital a Estado da Guanabara**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

ORTIZ, Renato. Pierre Bourdieu. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo, Editora Ática, 1983.

PINTO, Surama Conde de Sá. **Só para iniciados... O jogo político na antiga capital federal**. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2011.

ROSANVALLON. Pierre. **Por uma história do político**. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2010.

SARMENTO, Carlos Eduardo. **O espelho partido da metrópole. Chagas Freitas e o campo político carioca: liderança, voto e estruturas clientelistas**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Folha Seca, 2008.

SCHRAMM, Luanda Dias. O desprezo da política eleitoral: crise da representação e legitimidade contra-democrática na obra de Pierre Rosanvallon. *REVISTA DEBATES*, Porto Alegre, v. 10, n. 3, p. 107-129, set.-dez. 2016.

SILVA, Ricardo. **Pierre Rosanvallon e as Metamorfoses da Legitimidade Democrática**. XIV Congresso Brasileiro de Sociologia. 28 a 31 de julho de 2009, Rio de Janeiro (RJ). Grupo de Trabalho: Estado e Sociedade na Modernidade Atual.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. *Rev. Adm. Pública*. Vol. 40, n.1, pp.27-53, 2006. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-76122006000100003>. Acessado em 12/09/2017 às 20h.

TRIGO, Maria Helena Bueno. Habitus, campo, estratégia: uma leitura de Bourdieu. *Cadernos CERU*. Série 2 – nº 9 – 1998.

## 5.1 Entrevistas

FRAGELLI, Cláudio Luiz Fontanillas. Entrevista I. [Nov. 2007]. Entrevistador: Vinicius de Carvalho de Araújo. Campo Grande-MS. 1 arquivo.mp3 (60 min.).